



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com chefes de Estado integrantes do Mercosul, após reunião plenária da 40ª Cúpula do Mercosul

Foz do Iguaçu-PR, 17 de dezembro de 2010

Presidente: (falha no áudio) ...da minha alegria, extraordinária alegria de poder ter participado desta última reunião do Mercosul que o Brasil presidia, comigo na Presidência.

Acho que o Mercosul é a demonstração mais viva de que, quando os dirigentes querem, quando os dirigentes estão convencidos, quando os dirigentes estão determinados, as coisas acontecem.

Eu lembro, como se fosse hoje – eu fui, de todos esses que estão aqui, o primeiro presidente a participar do Mercosul – e eu lembro da descrença que existia no Mercosul, eu lembro das disputas internas em cada país, na perspectiva de acreditar que o Mercosul tinha falido e que era preciso, então, construir uma outra zona de livre comércio sob a égide dos Estados Unidos, a Alca.

Quando nós nos opusemos à Alca e começamos a trabalhar o fortalecimento do Mercosul, aqueles que ainda tinham a cabeça colonizada, nos países do Mercosul, nos criticaram profundamente. Hoje, certamente, essas pessoas estão percebendo que foi graças à ousadia do Brasil, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai que nós conseguimos chegar ao nível extraordinário de bom relacionamento político, de bom relacionamento comercial entre os países que compõem o Mercosul.

O companheiro Pepe Mujica e o companheiro Lugo são jovens na participação do Mercosul. Mas, não faz muito tempo, Mujica e companheiro Lugo, não faz muito tempo, nós fazíamos reunião do Mercosul, e companheiros presidentes diziam: “Não vale a pena ficar no Mercosul”; “Nós vamos fazer



acordo com os Estados Unidos”; “Não é possível ficar no Mercosul”. Eu penso que hoje nenhum de nós, nenhum de nós se queixa por estar no Mercosul, e todos nós damos graças a Deus de termos ficado no Mercosul.

E eu penso que os futuros presidentes e os companheiros que vão continuar dirigindo o Mercosul precisam trabalhar de forma incansável para que a gente traga o Chile, para que a gente traga o Equador, para que a gente traga a Bolívia, para que a gente traga a Colômbia, para que, definitivamente, o Congresso paraguaio aprove a Venezuela, que a gente consiga trazer o Peru e que a gente consiga trazer as Guianas para participarem e o Suriname para participar do Mercosul.

Afinal de contas, o momento é propício, é extraordinário, é exitoso, e nós não poderemos abdicar desse esforço. E é exatamente, companheiro Lugo, com você na presidência *pro tempore* que, nesses próximos seis meses, você deverá trabalhar – e tenha a certeza de que você contará com o apoio da Presidenta eleita do Brasil para trazer mais gente para o Mercosul, e nós nos tornarmos um bloco efetivamente forte economicamente, justo socialmente e, eu diria, ensinando democracia a muita gente que acha que conhece de democracia.

Eu deixo a presidência *pro tempore* satisfeito e deixo a presidência do Brasil realizado. Queira Deus que todos vocês consigam fazer, daqui para frente, aquilo que nós fizemos nesses últimos anos, e que o povo do Mercosul possa se orgulhar de ser membro do Mercosul. Eu, por exemplo, na hora em que sair o primeiro *coche*, com a placa “Mercosul”, esteja certo, Pepe, que yo irei a Montevideu com meu *coche* com a placa de Mercosul.

Um abraço e parabéns ao Mercosul e parabéns a você, Lugo, que assume a Presidência *pro tempore*.

Vocês vão compreender o seguinte: Eu tenho um pouco de pressa, porque hoje é a diplomação da minha Presidenta e eu preciso regressar ao Brasil. Se vocês não se importarem, as perguntas que vocês teriam que fazer



para mim, façam para o companheiro Lugo, que ele fala por mim e por ele agora.

Não, *una* pergunta só porque eu não posso me atrasar mesmo. Realmente, eu não posso me atrasar.

_____ : Tânia Monteiro, Estado de São Paulo

Tânia Monteiro: Boa tarde, Presidente. Eu... o senhor...a gente ouviu discursos ontem e hoje sempre falando na integração do Mercosul, mas hoje, nos jornais, nós vimos que, por exemplo, a Argentina, mais uma vez, está tentando fazer uma sobretaxa agora sobre [incompreensível] – cada vez é sobre um produto – em relação ao Brasil, e a gente já ouve até de autoridades do país falando que a paciência está acabando, alguma coisa assim. Como é que o Brasil pode reagir ou tentar chegar a um acordo, definitivamente, para acabar com esses problemas?

E eu queria aproveitar para perguntar ao senhor também sobre o salário-mínimo. Está havendo... a gente já viu que o orçamento está com um problema grave, um rombo que está ficando ali para a presidente Dilma, e agora os sindicalistas estão pleiteando R\$ 580,00 de qualquer jeito, apesar de terem acontecido conversas anteriores. O senhor apoia esses R\$ 580,00, ou o senhor é contra?

E se o senhor puder falar sobre o seu futuro também, que todo mundo pediu para o senhor ir para a ONU.

Presidente: Primeiro, ô Tânia, eu tenho um café, eu tenho um café com os setoristas que cobrem a Presidência, na semana que vem, e vamos deixar as perguntas internas do Brasil para a gente responder lá dentro do Brasil.

Veja, o Mercosul não é um convento. Isso aqui não é um encontro de freiras. Isso aqui é um encontro de chefes de Estado, de países soberanos,



que sempre vão ter divergências. Sempre haverá um país com interesses diferentes do outro, tentando não prejudicar o outro, mas defender a sua soberania, os seus interesses de desenvolvimento, os seus interesses de se industrializar, os seus interesses de ter acesso à Ciência e Tecnologia, sempre vai haver. Você veja que na União Europeia eles estão há 50 anos, e continuam com os mesmos problemas. O que nós precisamos é apenas ter a compreensão e a maturidade de que só há necessidade de existir o Mercosul porque nós não somos um único país. Se fôssemos um único país, não teria Argentina divergindo do Brasil nem Brasil divergindo da Argentina. Seria um só governo, um só parlamento, decidiria tudo, estava resolvido. Eu não acho que seja problema para o Mercosul essa divergência. Eu acho que é a razão pela existência do Mercosul.

Portanto, a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e o Brasil, cada um dentro do seu tempo e cada um em função das suas necessidades, têm que defender os interesses do seu país. Aqui é o seguinte: cada um defende os interesses soberanos do seu país e, conjuntamente, nós tentamos fazer concessões aqui ou ali para que a gente possa construir um consenso comum de interesse coletivo de todos os países.

É assim que tem que ser e é assim que será e eu posso dizer, Tânia, que nós terminamos a minha Presidência *Pro Tempore* com uma relação no Mercosul extraordinariamente bem-sucedida. Certamente que é melhor do que Estados Unidos e China, é melhor do que Alemanha e França, é melhor do que Inglaterra e Irlanda. Pode ficar certa de que aqui no Mercosul nós somos muito mais unidos e muito mais compreensivos, e temos muito mais necessidades.

Portanto, a divergência faz parte do processo democrático do Mercosul.

Jornalista: (incompreensível)



Presidente: Veja, eu só posso compreender a indicação como um gesto de cortesia do meu companheiro Evo Morales. Veja, essa coisa a gente não reivindica, essa coisa a gente não pede e essa coisa a gente não articula. Eu acho que a ONU precisa ser dirigida por algum técnico competente da ONU. Não pode ter um político forte na ONU porque ele não pode ser maior do que os presidentes dos países. E eu fico meio preocupado porque, se virar moda presidentes de países presidirem a ONU, daqui a pouco os Estados Unidos estarão disputando, além do Conselho de Segurança, também o controle das Nações Unidas e aí tudo ficará mais difícil.

Eu já me dou por contente por ter sido Presidente do Brasil e acho que Deus já foi muito generoso comigo, já me deu demais. Agora, aos 65 anos de idade, eu não vou pendurar as chuteiras ainda, como disse o companheiro Pepe, porque eu sou um político, faço política 24 horas por dia, vou continuar fazendo política aonde for necessária a boa política. E todo mundo sabe que eu quero dar a minha contribuição para organizar politicamente os partidos na América Latina. Todo mundo sabe que eu quero levar as experiências bem-sucedidas do Brasil para os países mais pobres do continente, para a África. O Brasil tem políticas sociais extremamente exitosas, e eu acho que isso poderá servir de base para a aplicação em outros países, se eu respeitar as peculiaridades de cada país. Se eu chegar a um país, com um pacote debaixo do braço dizendo “faça isso”, já deu errado. Eu tenho que chegar apenas, humildemente, mostrando o que aconteceu no Brasil, como nós fizemos, se as pessoas quiserem fazer, eu estarei disposto a contribuir. Está bem?

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, querida. Veja, eu acho que nós temos que cumprir a presidência da Argentina tranquilamente. Depois a gente vai ver o que vai



discutir no Mercosul... do Paraguai. Ou melhor, na Unasul, a Argentina, que tinha o direito do Kirchner; no Mercosul, o companheiro [do] Paraguai.

Veja, eu posso contribuir sem ter cargo. Eu já não preciso mais de cargo, eu preciso apenas de uma motivação, e a motivação é a necessidade que nós temos da evolução da nossa querida América Latina. Se me permitirem, Lugo, eu me retiraria. Pepe Mujica poderia vir aqui fazer parte contigo, para que não fiques... para que *non se quedes solito* aí. Mujica, assume a minha Presidência!

_____ : Lula, por favor, antes de ir embora. Qual é a garantia do presidente Lugo que Dilma cumprirá os acordos que vocês assinaram em julho de 2009?

Presidente: O Pepe Mujica fica com o Lugo aqui. Eu estou assinando um documento aqui, dando ao “Pepito” para responder por mim. Está bem? Tudo que ele falar, eu assino.

(\$31FGJLMP)